



TENSÃO NAS AMÉRICAS

Trump impõe bloqueio naval à Venezuela

Presidente dos Estados Unidos anuncia retenção completa e total de todos os petroleiros de Nicolás Maduro e classifica o regime chavista de "organização terrorista". Especialistas veem pressão definitiva para forçar mudança de governo

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, usou sua plataforma Truth Social para intensificar ainda mais a pressão sobre a Venezuela e chamar o regime de Nicolás Maduro de "organização terrorista estrangeira". A Venezuela está completamente cercada pela maior Armada reunida na história da América do Sul. Ela só tende a crescer, e o choque para eles será algo sem precedentes — até que devolvam aos Estados Unidos da América todo o petróleo, terras e outros bens que nos roubaram", escreveu o republicano. O titular da Casa Branca acusou o "regime ilegítimo de Maduro" de usar o petróleo "desses campos roubados" para financiar a si mesmo, o narcotráfico de pessoas, assassinatos e sequestros.

"Pelo roubo de nossos bens e por muitos outros motivos, incluindo terrorismo, tráfico de drogas e tráfico de pessoas, o regime venezuelano foi designado como uma organização terrorista estrangeira. Portanto, hoje, estou ordenando um bloqueio total de todos os petroleiros sancionados que entram e saem da Venezuela", acrescentou Trump. Ele avisou que os EUA não permitirão que criminosos, terroristas ou outros países roubem, ameacem ou causem danos à nação. "Da mesma forma, não permitiremos que um regime hostil se apodere de nosso petróleo, terras ou quaisquer outros ativos, os quais devem ser devolvidos aos EUA imediatamente", avisou.

Washington sacudiu o mercado de petróleo em 10 de dezembro ao interceptar e apreender um navio-tanque que estava sancionado pelo Departamento do Tesouro, e que tinha acabado de sair da Venezuela carregado de petróleo. Os Estados Unidos ficaram com a embarcação e o combustível, o que foi classificado pelo regime de Maduro



Simpaticante de Nicolás Maduro protesta pela paz e contra os EUA, em Caracas, e exibe cartaz com as palavras "Não à guerra"

um "roubo descarado". Washington também anunciou sanções contra seis empresas do setor de transporte de petróleo e seis navios-tanques. A agência de notícias France-Presse informou que Caracas produz, aproximadamente, 930 mil barris diários, e a maior parte de suas exportações vai para a China.

Analista político da Universidade Internacional da Flórida e ex-diplomata turco que morreu entre 2014 e 2016 em Caracas, Imad Oner explicou ao *Correio* que Trump depende da aprovação do Congresso para lançar uma operação militar terrestre na Venezuela. "Além disso, há um forte repúdio político provocado pelo incidente de 2 de setembro", disse, ao citar o bombardeio a dois

A Venezuela está completamente cercada pela maior Armada reunida na história da América do Sul. Ela só tende a crescer, e o choque para eles será algo sem precedentes — até que devolvam aos Estados Unidos da América todo o petróleo, terras e outros bens que nos roubaram"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

sobreviventes que se agarravam a uma lancha supostamente usada pelo narcotráfico venezuelano. "As opções de Trump são cada vez menos viáveis. Por isso, a estratégia,

agora, é a apreensão de petroleiros venezuelanos como forma de golpear a receita do regime de Maduro e isolá-lo internacionalmente. Isso, sem assumir os custos de uma

operação militar", acrescentou, por meio do WhatsApp.

De acordo com Oner, na prática, trata-se de uma "máxima presão 2.0", que tem por objetivo enfraquecer o regime de Maduro e forçar uma mudança política imediata. Por sua vez, José Vicente Carrasco Aumatire, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas), admitiu ao *Correio* que o governo Trump ampliou a pressão sobre o regime de Maduro. "Agora, ele busca sufocar Maduro financeiramente. Se o regime não comercializar petróleo, não terá recursos. Ao classificá-lo como organização terrorista, Trump o converte em alvo das Forças Armadas dos Estados Unidos", disse. "É uma nova escalada, me parece que definitiva, para pressionar a

saída de Maduro. A questão é saber se Maduro entenderá isso dessa maneira."

China

General de brigada aposentado, o venezuelano Antônio Rivero González entende que o bloqueio absoluto do comércio de petróleo da Venezuela a outros países, especialmente à China, é o "corolário das sanções econômicas aplicadas pelos Estados Unidos contra o regime de Maduro". "É a decisão definitiva para que Maduro siga abastecendo-se de dinheiro. A medida parece impactar a relação econômica de Caracas com Pequim", afirmou ao *Correio*. "O tema está na anulação da China como comprador do petróleo venezuelano."

Rivero lembrou que o Departamento de Estado e o Departamento do Tesouro haviam denominado o regime de Maduro como organização terrorista. "O cartel de Los Soles, agora, é considerado um grupo criminoso infiltrado pelo regime", advertiu o general, que deixou a Força Armada Nacional Bolivariana em 2010 e se exilou em Miami quatro anos depois.

"Certamente, a Venezuela está completamente cercada e, a qualquer momento, pode ter início uma intervenção terrestre", advertiu o ex-militar. Na segunda-feira, Trump designou o fentanyl — um potente opioide que causou uma crise de saúde pública nos Estados Unidos — como arma de destruição de massa. "Nenhuma bomba causa o dano que isto está fazendo: entre 200 mil e 300 mil pessoas morrem a cada ano, que nós sabemos", declarou o presidente, durante um evento no Salão Oval.

O general de brigada crê que uma eventual intervenção terrestre deverá mirar lideranças do regime de Maduro que teriam relação direta com o cartel de Los Soles. "Hoje (ontem), três lanchas foram bombardeadas. Essas operações dos EUA no Mar do Sul do Caribe têm sido contínuas", acrescentou.

TERRORISMO NA AUSTRÁLIA

Atiradores se inspiraram no Estado Islâmico

As autoridades australianas começaram a elucidar o quebra-cabeças do atentado terrorista que chocou o país, durante a festa judaica de Hannukah, na manhã de domingo, no horário de Sydney (noite de sábado, em Brasília). Sajid Akram, 50 anos, e o filho Naveed Akram, 24, dispararam contra os frequentadores do evento, matando 15 pessoas e ferindo cerca de 40. Sajid foi abatido a tiros enquanto descarregava a arma de cano longo contra os judeus. Ferido pela polícia, Naveed saiu do coma, ontem, e seria interrogado e formalmente acusado pelo massacre.

Segundo o jornal The Sydney Morning Herald, Sajid é natural de Hyderabad, no sul da Índia, e sua família não tinha conhecimento de qualquer traço de radicalização. "Sajid emigrou para a Austrália em busca de emprego há 27 anos, em novembro de 1998", informou em comunicado a polícia do estado de Telangana, no sul do país asiático.

O primeiro-ministro da Austrália, Anthony Albanese, anunciou que pai e filho foram inspirados pelo Estado Islâmico (EI). "Ao que parece, isto esteve motivado pela ideologia do Estado Islâmico", declarou o premiê à emissora



Rabino discursa diante de memorial às vítimas do ataque, em Sydney

australiana ABC. "Com a ascensão do EI há mais de uma década, o mundo tem enfrentado o extremismo e esta ideologia de ódio", afirmou ele em outra entrevista. Os investigadores buscam entender os motivos pelos quais Sajid e Naveed viajaram às Filipinas, no mês passado. Uma questão crucial é saber se eles se reuniram com extremistas islâmicos

durante a viagem. Duas bandeiras do EI e explosivos foram apreendidos no carro utilizado pelos dois atiradores para chegar à Praia de Bondi, o local da tragédia. O veículo estava registrado no nome de Naveed.

De acordo com o The Sydney Morning Herald, Verena Akram, mãe de Naveed, contou que o filho telefonou-lhe na manhã de

domingo. "Ele me disse: 'Mãe, acabei de nadar. Fiz mergulho. Vamos comer agora e, depois, ficaremos em casa, pois está muito calor', relatou. As autoridades creem que ele foi a um apartamento alugado com o pai para planejar o ataque.

Albanese confirmou que Naveed havia chamado a atenção da agência de inteligência da Austrália em 2019, mas que, naquele momento, não era considerado uma ameaça iminente.

Advertência

Em vídeo, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, cobrou do Ocidente a luta contra o antisemitismo. "Exijo aos governos ocidentais que façam o necessário para combater o antisemitismo e que garantam a segurança e a proteção necessárias às comunidades judaicas", declarou. "Se-ria bom que prestassem atenção em nossas advertências. Exijo que atuem, agora."

Horas depois do atentado, o israelense criticou o governo da Austrália e o acusou de "colocar lenha na fogueira do antisemitismo" — uma referência ao reconhecimento do Estado palestino, em setembro.

Presidência da Argentina/AFP



Em sua primeira viagem, Kast visita Milei

Não faltou nem mesmo a foto ao lado da motosserra, símbolo da campanha eleitoral e do governo do ultralibertário argentino. Em sua primeira visita ao exterior, desde que foi eleito presidente do Chile, no domingo, José Antonio Kast foi recebido pelo colega Javier Milei pouco depois do meio-dia, na Casa Rosada, sede do Executivo na Argentina. Os dois líderes da direita "estabeleceram prioridades" em segurança e combate ao crime organizado transnacional, bem como para o fomento do comércio e dos investimentos, informou a Presidência argentina em comunicado. Em Buenos Aires, Kast se reuniria com empresários dos setores industrial, comercial, de energia, infraestrutura, agricultura e bancário. Também se encontraria com o embaixador do Chile em Buenos Aires, José Antonio Viera Gallo. Depois da reunião com Milei, Kast disse apoiar "qualquer situação que acabe com uma ditadura" ao responder se estaria de acordo com uma intervenção militar na Venezuela.